



Redacção e administração: PRAÇA DOS RESTAURADORES, 43 a 49—Comp. e impresso na Typ. PINHEIRO, Rua Jardim do Regedor, 39 e 41

SUMMARIO : — A proposito da Sonata do Sr. Freitas Branco.— A canção franceza.— Noticiario.— Necrologia

## A proposito da Sonata do sr. Freitas Branco

Surge novamente a questão do plagiato a respeito da Sonata para piano e rabeca do sr. Freitas Branco.

Como se sabe, esta Sonata obteve o primeiro premio, em 1909, n'um concurso de musica de camara, aberto pela conhecida associação musical, a *Sociedade de Musica de Camara*. O jury, que conferiu esse premio, era composto, entre outras pessoas, dos srs. Vianna da Motta, Ernesto Vieira, Frederico Guimarães, Dr. João D'Korth, Gerschey, Tabor da, Marquez de Borba, Wendling, Timotheo da Silveira, Tavares e do signatario d'estas linhas.

Da decisão do jury ninguem appellou, nem recorreu; não houve o menor protesto ao tempo e eu creio saber porquê. E tambem não ponho duvida em dizê-lo, se alguem tiver desejo de o saber. Mas é melhor, quanto a mim, não tratar d'isso, pelo menos, agora.

Entretanto penso que o julgamento das peças apresentadas n'esse concurso não foi do agrado de algumas pessoas; porque, em dezembro d'esse mesmo anno e no janeiro seguinte, debateu-se na imprensa, pela primeira vez, o caso da Sonata. N'esse dezembro realisaram-se as audições publicas das varias obras premiadas e fiz eu uma palestra ácerca da significação que, a meu vêr, tinha para nós esse concurso. Expliquei, como sube, o apparecimento de uma bella esperança artistica, como era a que a Sonata F. Branco nos revelava; e até approximei o caso, que agora se dava dentro da musica, de outros que, em tempos atrasados, se haviam dado em outras artes: os de Soares dos Reis, Teixeira Lopes, Columbano, Silva Porto, etc.

O debate na imprensa, a que acima me refiro, resultou de uma apreciação, da minha palestra, feita por um membro do jury no jornal *O Dia*: e n'ella appareceu a questão do plagio por primeira vez.

Terminada a troca de artigos que só aproveitaram ao sr. Freitas Branco, porque nunca artista algum perdeu e só ganhou com a discussão da sua obra e com as mais feroces criticas que se lhe façam, a Sonata continuou a ser tocada por artistas e amadores, ao contrario do que succedia ás outras obras presentes ao concurso.

Aconteceu porém que, por iniciativa do sr. Julio Rodrigues, a chamada Academia de Sciencias de Portugal resolveu realisar, ha pouco tempo, uma sessão em homenagem ao joven compositor, na qual, após uma archi-elogiosa conferencia do referido professor, foram executadas varias obras de Freitas Branco, a Sonata em questão e varias peças de piano, e cantados alguns dos seus *lieder*. O sr. Julio Rodrigues publicou a conferencia, da mesma fórma que eu publicára a minha palestra.

E foi, por causa d'essa conferencia, que agora surgiu de novo a questão do plagio. O sr. Julio Rodrigues, que ignorava o que se passara em 1909-1910, julgou descobrir



o talento do sr. Freitas Branco, *levantar uma ponta da cortina* (sic) que o occultava ao publico; revelando-o porém de uma fôrma muito nervosa e pouco precisa em datas, fez incorrer o sr. dr. Theophilo Braga n'um equívoco, origem principal, quanto a mim, do novo desespero de certos musicos. O sr. Theophilo Braga suppôz que Freitas Branco se revelava agora, que era um producto superior da mesma fermentação de idéas e sentimentos que geraram a Republica portugueza; apresentou-o como caso de synchronismo evidente, um producto que a monarchia não podia gerar e só a nossa moderna maneira explicava. Um verdadeiro eleito da Republica!

Compreende-se que esta concepção, muito mais importante do que a minha de 1909 e até do que a do proprio sr. Julio Rodrigues, levasse a raiva a certos profissionaes que, pela voz do Chefe do Governo Provisorio, tinham de reconhecer no sr. Freitas Branco o musico adoptivo da Republica. E sem, nem de longe, se referirem a essa concepção, malharam agora no sr. Julio Rodrigues talvez ainda mais do que haviam malhado em mim, ha anno e meio. Ha quem lhe chame *creatura intelligente* (sic).

\*  
\*   \*  
\*

Ora eu não viria certamente metter-me na actual contenda se não fosse necessario restabelecer um certo numero de factos ultimamente revelados em *O Paiç* de 21, 23 e 25 do corrente como passados no seio do jury do concurso de 1909. Eu fui o 2.º secretario da commissão executiva, dentro da grande commissão ou jury que se occupou d'esse concurso, e tenho em meu poder todos os elementos necessarios para se redigir a historia das suas sessões, se assim fôr preciso. Mas, por isso mesmo, não devo calar-me neste momento.

Quem iniciou o actual debate foi o sr. Ruy Coelho em *A Capital* de 7 d'este mez. Ahi accusou de plagiario o seu collega de Berlim. Julgo que foi contraproducente o processo, se realmente quiz incomodar o sr. Freitas Branco. Só lhe fez bem, porque o faz discutir. Pois porventura o grande Wagner deixou de chamar divina á melodia de Rossini, tido por muitos como ladrão de Mozart?

Surgiram depois artigos e cartas em varios jornaes e finalmente um convite, em *O Seculo* de 19, assignado pelos Srs. Eduardo de Freitas e José M. Cordeiro e dirigido a varios artistas e criticos, para uma sessão no Conservatorio, a 20, na qual o Snr. Ruy Coelho demonstraria os plagios do Snr. Freitas Branco.

É claro que, das pessoas convidadas, a grande maioria não fez caso do convite. Mas a sessão realisou-se, com um jury formado pelo snr. Frederico Guimarães, presidente, e pelos snr. Fernandes Fão e J. Carlos Ferreira, vogaes. Do que ahi se passou dão conta summaria varios jornaes. Ha porem que extrair dos artigos do *Paiç* de 21, 23 e 25, cortando á tesoura como faço, um certo numero de affirmações, publicadas em lettras mais ou menos gordas, porque ellas carecem corrigidas, como declarei. Dizem os citados artigos em pontos varios:

«Tenho já em meu poder as **provas** do que foi esse concurso, (o de 1909) e aqui as publicarei na proxima segunda-feira, para elucidação das ingenuas gentes que constituem, em geral, o grosso publico frequentador dos concertos artisticos.

«É absolutamente indispensavel essa publicação:

«1.º—Porque contem os pareceres da delegação do jury, composta de Vianna da Motta, Ernesto Vieira e Frederico Guimarães (aliás Wendling).

«2.º—Porque esses pareceres são provas technicas de subido valor.

### «Frederico Guimarães denuncia a questão moral arrostando com as affirmativas publicamente feitas

«Frederico Guimarães quiz prestar o *seu valiosissimo concurso á prova de hontem*, (no Conservatorio), porque em seu entender a questão é d'uma gravidade tal que exige uma justa e definitiva liquidação além do facto do seu nome se achar envolvido no assumpto.

«E contou de seguida o caso da approvação da *Sonata* de que o sr. Freitas Branco se diz auctor.

«O que valia essa obra, que nos dizeres da carta do sr. Lambertini, hontem publicada



nos jornaes, dezoito auctoridades musicaes distinguiram e approvaram, disse-o, hontem, o distincto professor, declarando que dera o seu voto, com alguns outros collegas á *Sonata* de Rodrigo da Fonseca e não á que o sr. Freitas Branco persiste em afirmar ser da sua lavra de compositor. Isto, é claro, estabelece uma flagrante contradicção á referida carta do sr. Lambertini, contradicção que sem duvida terá de esclarecer-se, por isso que implica com a prova um tanto esquisita do **como** foi parece que imposta ao jury, pela opinião de alguns dos seus membros, uma decisão que brigava um pouco com o principio de imparcialidade.

«O promettido é devido :

«Disse, ha dias, que daria aqui as **provas** d'esse já celebre concurso, em que se conferiu á *Sonata* do sr. Freitas Branco o *primeiro premio*, saltando por cima de todas as conveniencias, sem contar até com a offensa do principio da justiça, que deverá ter presidido a tal juizo, e hoje venho honrar esse compromisso.

«Por lapso disse eu que essas provas eram assignadas pelos tres delegados do jury srs. Vianna da Motta, Ernesto Vieira e Frederico Guimarães, quando deveria ter dito serem da responsabilidade dos dois primeiros e mais do sr. Antonio Arroyo, que *n'este escandalo* figurou de anjo protector do *robusto talento musical* (o jury que agradeça ao signatario do artigo estas palavras) do sr. Freitas Branco que ao depois se verificou ter sido antes pertença dos compositores Cesar Frank, Desiré Paque, e não sei se de mais alguns 'inda por descobrir.

«Essa coisa extraordinaria que foi a distribuição dos premios, deu-se em virtude de se ter feito uma segunda audição, **especialmente para se arranjar a historia do favoritismo que elevou o sr. Freitas...** qualquer coisa á primeira classificação. E ainda mais, houve até quem propozesse que os tres premios fossem todos attribuidos ao tal genio musical que vinha de nascer, cremos que aparado parturientemente pelo grande critico sr. Antonio Arroyo.»

\*  
\*   \*  
\*

N'estes artigos assignados por E. de F., que supponho serem as iniciaes do sr. Eduardo de Freitas, vem em seguida publicada a classificação e critica que, no que elle chama — *Os pareceres da delegação do jury*, — foram feitos ás obras dos Srs. Julio Neuparth, Rodrigo da Fonseca e Freitas Branco e que, segundo E. de F. mereceram os seguintes **votos** (sic) :

*Quand même*, quartetto do Sr. Neuparth, **voto Optimo**, 19 valores ;

*Meus males não espanto*, quartetto do Sr. R. da Fonseca, **voto Bom**, 17 valores ;

*Ha muito eu canto*, sonata do Sr. R. da Fonseca, **voto Bom**, 16 valores ;

*A visão interior*, sonata do Sr. Freitas Branco, **voto Sufficiente**, 14 valores.

Analysemos o caso. Mas, em primeiro logar, pergunte-se, como chegou ao conhecimento do signatario dos artigos esse documento que parece dever ser secreto, que só parece dever achar-se em poder dos membros do jury visto como elle não concorda com as classificações que o mesmo jury publicou ?

Como se concilia tal discordancia com o facto de nenhum membro do jury ter protestado contra ella ?

Porque não protestou o sr. Frederico Guimarães, então ? Teria sido menos grotesco do que agora.

E o que é de facto esse documento ? O que querem dizer as palavras :— *pareceres da delegação do jury* ?

O que julgo inegavel é que a pessoa que forneceu esse parecer ao articulista não sabia bem do que se tratava, não sabia já o que significava esse documento. No trabalho do jury procedeu-se, como é de uzo em taes casos, pela forma seguinte : nomearam-se duas commissões, uma executiva que se encarregou da parte material, do expediente do concurso ; outra de critica a cujo cargo ficou a analyse das partituras e a sua primeira apreciação, para servirem de base ao julgamento final. Esta ultima com-



missão escolheu d'entre os seus membros um relator que fez a primeira leitura das obras e formulou a primeira analyse. O documento citado é precisamente o relatório d'esse membro da comissão critica, documento absolutamente confidencial, que foi reproduzido pela machina para servir de guia aos membros do jury na sua apreciação. Cada membro teve o seu exemplar, que deveria ter restituído terminado o julgamento porque, como sempre costuma succeder e succedeu no nosso jury, a opinião do relator foi parcialmente accete pelo jury, apenas parcialmente. O que nós membros do jury devemos agradecer, em primeiro lugar, é o fastidioso trabalho do relator que tomou a seu cargo essa delicada tarefa de critica. Enganou-se elle por vezes? que admira, e quem se não engana?

O membro do jury que confiou o documento em questão praticou pois uma inconfidencia do peor gosto.

Mas ha mais, porque errou o seu caminho. A quem é que elle no fundo desagradou? Certamente ao relator e a ninguem mais. Só faltou dizer-lhe o nome. E já por este facto, já por outro conjuncto de circumstancias, é de crêr que fosse o Sr. Frederico Guimarães quem commettesse a inconfidencia. Já não é a primeira vez que teria dito e feito absolutamente o contrario do que queria fazer. Parece que ficou assim desde que, ha muitos annos já, a sua *Beatriç* fez com que se escacassem todas as cadeiras da superior em S. Carlos. A sua inconsciencia e falta de lucidez leva-lo-hia a isto como o levou a vir, passados dois annos, fazer as declarações publicas que fez «acerca do jury a que pertenceu» na tal sessão de critica do Conservatorio.

Certamente a sala foi alugada para isso, porque não quero crer que o Sr. Guimarães abusasse da sua situação no Conservatorio, prestando a sala gratuitamente para uma tal fantochada e inconfidencia! Seria o cumulo da inconsciencia e o Conservatorio não se fez para isso, nem o Inspector o consentiria, estamos certos.

Voltando ao assumpto direi ainda que o jury não acceteu inteiramente a opinião do relator, mas nem por isso deixou de prestar a este seu membro o reconhecimento que lhe devia pelo seu valioso trabalho; nem tão pouco ninguem extranhou que houvesse lacunas na sua apreciação—*Só se não engana quem não faz nada.*

Não ha portanto escandalo algum, soceguem os imparciaes signatarios dos artigos e convite citados. O que parece incrível é que alguém não saiba que n'estes casos só o jury é soberano e que deante de pessoas que se chamam Marquez de Borba, Guerschey, Vianna da Motta, D'Korth, Timotheo da Silveira e outras ainda se não póde levantar a suspeição que os artigos do *Paiç* lhes lançam para cima. O jury resolveu, *en dernier resort*, como lhe competia, e resolveu nobremente; e estou certo de que o auctor do parecer confidencial, tão miseravelmente revelado agora, foi o primeiro a reconhecer a justiça com que se procedeu, porque não protestou.

A este respeito concluo por dizer que o membro do jury que propôz que todos os tres premios fossem attribuidos ao sr. Freitas Branco fui eu. E não me enganei na apreciação. A unica obra do concurso que os artistas tocam e que os publicos applaudem é a Sonata do sr. Freitas Branco.

E quanto ao sr. Ruy Coelho, sinto muito que, em logar de trabalhar e de pensar nas suas obras, ande a demolir, ou a pensar que vaé demolir a obra do seu collega e amigo de Berlim. Dois moços da mesma idade envolvidos n'uma tal trapalhada, constituem um espectáculo de entristecer. Estará o sr. Ruy Coelho certo de que não se encontram reminiscencias de outros auctores nos seus trabalhos? São porventura originaes os seus planos? Caso unico seria esse, que se não deu com nenhum dos grandes compositores conhecidos.

O que elle merecia era que o condemnassem, para seu castigo, a ter de tocar ao piano em todos os dias dos mezes de Julho, Agosto e Setembro, de manhã, durante tres horas, e de tarde, durante duas horas, vá lá, tres seria de mais, as operas do sr. Frederico Guimarães. A irresponsabilidade desnorteou-o e fê-lo praticar uma acção feia. Não se deve começar assim uma vida artistica. E recommendo-lhe a leitura de certo conto de Henri Lavedan, que, se bem me lembro, se intitula — *La Vengeance*. Vem, muito a proposito, no volume intitulado *Les jeunes*.

O que nós desejamos do sr. Ruy Coelho não são as criticas, são as obras artisticas: a arte foi sempre mais difficil do que a critica. Eu tenho inutilmente uma grande dôr quando me lembro que meu pae não fez de mim um artista. E vendo que o sr. Coelho, por quem tanta gente se interessa como artista, se converte em mais um critico de vinte annos, noto, pelo menos, o seu mau gosto.

Lisboa, 27 abril 1911.

ANTONIO ARROYO.



# A Canção Franceza

(A propósito da YVETTE)

Continuação

A Revolução teve também os seus cantos ou por melhor dizer, os seus canticos. Uns escriptos com sangue e lodo, como a *Carmagnole* ou o *Ça ira*, outros em que o sentimento patriótico e o sonho de liberdade revestiram mais nobres accents, como o *Chant du Départ*, o *Chant du Retour*, e planando acima de todos, como aguia nas alturas, essa sublime *Marselheza*, que é o grito mais bello que um povo podia ter soltado contra a tyrannia, e que ficou e ha-de ficar eternamente como a mais energica expressão da canção guerreira.

Mas o *couplet* satyrico não perdeu os seus direitos, mesmo durante o período do Terror. Ange Pitou, entre muitos outros, forjou um sem numero de canções contra-revolucionarias, não hesitando mesmo em assignar uma *Complainte sur Louis XVI*...

O apparelho do dr. Guillotin também serviu de pretexto a uma infinidade de canções, cuja alegria se podia considerar um tanto... amarella.

Garat é que não pode ser esquecido n'esta rapida resenha. Era o cantor mundano por excellencia, o verdadeiro rouxinol das salas. De 1790 a 1810 ninguem se lhe avantajou no modo como suspirava o *Ménestrel exilé* ou *Que ne suis-je la fougère*, na graça e lyrismo que sabia pôr nas canções por elle proprio compostas e, porque não dizel-o, na ternura que soube inspirar ás mais famosas deusas da belleza.

É talvez curioso notar que n'esse periodo de romantismo à *outrance*, não era raro vêr o cantor das salas envergando a tunica romana e empunhando a viola-lyra.<sup>1</sup> Garat usou muitas vezes esse *travesti* carnavalesco.

Vieram depois os cancioneiros piegas do Directorio; a que se seguiram as satyras militares da Restauração.

Désaugiers, Béranger, Debraux foram os heroes da canção d'esse tempo. São também da mesma época o *Il pleut, bergère* de Simon e o *Plaisir d'amour* de Martini, que ainda hoje são celebres. Mas de todos esses nomes, o que ficou mais estreitamente ligado á historia da canção franceza foi evidentemente o de João Pedro Béranger.

A sua primeira canção data de 1813 e chama-se *Le Roi d'Yvetot*. E foi tal o exito que consagrou essa primeira tentativa, que pode dizer-se que, em todo o resto da sua vida, nunca mais escreveu Béranger senão canções. Canções d'amor e canções politicas, aos centos, e estas de tal modo impregnadas de convicções republicanas que lhe valeram perseguições constantes e muitos mezes de prisão. Mas só a morte (1857) é que havia de fazer calar tão famoso e tão fecundo cantador.

Em roda d'esse astro da canção, gravitaram innumerados satellites e alguns dignos de nota. Citemos ao acaso Monpou (1804-1841), que poz em musica algumas poesias de Hugo, Loisa Puget (1810-1889), cujas canções sentimentaes tiveram grande voga, Piérre Dupont (1821-1870), notavel pelas suas canções rusticas e Gustave Nadaud (1820-1893), que se immortalizou no genero satyrico, com *Les deux gendarmes*, *Les deux notaires*, *Le ménage*, *Le vieux mendiant de Lazare*, e tantas outras obras-primas d'ironia e d'espirito.

Eis-nos já em plena historia contemporanea. Com uma rapida allusão aos cançonetistas d'hoje, e será esse o objecto do proximo e ultimo artigo, darei a minha missão por finda.

(Continúa).

L.



## PORTUGAL

Alludiu-se no ultimo numero á brilhante oração com que o professor Ernesto Vieira prefaciou o concerto promovido pela sr.<sup>a</sup> D. Palmyra Baptista Mendes, em homenagem á memoria de Liszt. Transcrevendo aqui esse interessante estudo, no proximo numero, suppomos dar verdadeiro prazer aos nossos leitores; cumpre-nos porém agradecer desde já ao illustre conferente a regalia com que distinguiu esta revista, auctorizando a transcrição.

Vae brevemente entrar no prelo um novo livro de Alfredo Pinto (Sacavem), que terá

<sup>1</sup>— Simples vista franceza, a que os violeiros d'esse tempo davam uma forma aproximada á da antiga lyra.



por titulo *Horas d'Arte*, (palestras com os nossos compositores e amadores de musica).

A obra será ornada de gravuras e autographos, sendo a capa illustrada por Candido Silva.

\*

A nossa litteratura musical enriqueceu-se tambem com um interessante artigo de Adriano Merêa, publicado ha tempo nos *Serões*, e a que não alludimos mais cedo por só agora termos d'elle conhecimento.

E' um bello artigo de 14 paginas, profusamente illustrado, em que o distincto critico se occupa da *Evolução da Valsa*, e que documenta com citações interessantes de tudo o que de melhor se tem escripto no genero e notas psicologicas que definem bem o character da rainha das danças.

\*

Consoiciou-se ha dias com o distincto paisagista, sr. João Cabral, a notavel amadora de canto, sr.<sup>a</sup> D. Africa Silva, que tantas vezes temos tido occasião de applaudir nos concertos de Lisboa.

Desejamos aoa noivos as melhores venturas.

\*

Encontra-se entre nós o notavel barytono portuguez, Francisco d'Andrade, que conta demorar-se em Lisboa até meados do proximo mez de maio.

Tambem chegou Vianna da Motta, e este, como se sabe, para mais ampla demora. Cinco dos seus discipulos, dos quaes tres allemães, um americano e outro inglez, devem juntar-se-lhe brevemente, permanecendo na nossa capital durante todo o verão, afim de não perder a sequencia do trabalho já começado com o nosso illustre compatriota.

\*

Na festa de caridade promovida, em 26, pela colonia hebraica, distinguiram-se especialmente, em solos de canto e piano, as sr.<sup>as</sup> D. Bertha Bivar e D. Felicidade Pereira e o sr. Mario Levy. *La Nana* de Rey Colaço, cantada por Mad.<sup>elle</sup> Bivar e o 4.<sup>o</sup> *Fado* do mesmo auctor, tocado por Mad.<sup>elle</sup> Pereira tiveram uma execução absolutamente *hors de pair*, e foram bisados com inteira justiça.

O talentoso pianista amator, sr. Mario Levy, interpretou com summa distincção a *Pastoral* de Liszt e *Bergers et Bergères* de Godard.

Tambem figurou no concerto o *Sexteto Monteiro*, que, entre outras peças, executou a primor a *ouverture* do *Rienzi* e uma selecção do *Samson et Dalila*.

Terminou a festa por um delicioso quadro vivo, *Visita da rainha de Saba ao rei Salomão*, que teve os mais calorosos e merecidos applausos.

\*

A *Orchestra de Lisboa* annuncia para domingo, 7 de maio, e no theatro da Republica, a inauguração de concertos populares.

Compõe-se o programma das seguintes peças d'orchestra: — *Overture* do *Carnaval Romano* de Berlioz, *Rêverie* e *Sérénade* de Georges Hue, *Scènes poétiques* de Godard, *Preludio* de Flaviano Rodrigues, *Scherzo*, *Intermezzo* e *Marche nuptiale* do *Songe d'une nuit d'été* de Mendelssohn.

Como solistas figuram a sr. D. Mary Rodrigues, com a *Ave Maria* de Gounod e a aria da *Somnambula* e o sr. L. Barbosa com o 4.<sup>o</sup> *Concerto* de Vieuxtemps.

\*

Para estudar o modo como ha-de regular-se a exploração futura do theatro de S. Carlos, nomeou o governo uma comissão, em que figuram os srs. Vianna da Motta, Francisco e Antonio Andrade, Mauricio Bensaude, Arthur Trindade, Antonio Arroyo, Adriano Mereia, José Carneiro, dr. José Julio Rodrigues, etc.

Tambem terão representação n'esta comissão o Conservatorio e a Associação de classe dos Musicos Portuguezes.

\*

Partiu para Paris o nosso amigo e distincto compositor, sr. Luiz de Freitas Branco, que vae assistir n'aquella cidade ao festival beethoveniano e á interessante *saison russe* do theatro Sarah Bernhardt.

Conta demorar-se até meados do proximo maio.

\*

Tiveram effeito nas datas annunciadas (25 e 28) os concertos do violinista J. Boucherit, promovidos pelo *Orpheon Portuense*.

A' data em que escrevemos, ainda não tivemos noticia do exito obtido por esse artista, que é, de resto, uma das boas illustrações do violino, na actualidade.

Estes concertos foram os ultimos da presente epoca.



\*

A bordo do *Ason* embarca a 15 de maio, com destino ao Rio de Janeiro, a talentosa concertista, sr.<sup>a</sup> D. Clementina Velho.

Desejamos-lhe uma feliz viagem, fazendo votos para que que tenha, na capital federal, os triumphos a que tem jus o seu notavel merecimento.

\*

Não são geralmente d'uma alegria estonteante as sessões d'alumnas, Interessam grandemente ás meninas, que tem de tocar e cantar, e divertem immenso os paes das supraditas meninas: quem tiver a desfortuna de não ser menina nem pae, corre o grave risco de se deixar dormir no meio da festa.

No concerto promovido a 29 pela eximia professora de canto, D. Eugenia Mantelli, não se podia dar esse risco, já porque muitas das suas alumnas são verdadeiras artistas, que se ouvem com infinito prazer, já porque a maioria das obras apresentadas, ainda que demasiado numerosas para um concerto, eram bastante interessantes para nos prender a attenção.

Pertencem ao numero d'essas amadoras-artistas, entre outras, as sr.<sup>as</sup> D. Maria Emilia Machado e Silva, D. Adelaide de Victoria Pereira, D. R. Lisboa de Lima, D. Elsy Rogenmoser, D. Alice Lopes e D. Cesarina Lyra, não porque já tenham todos os dotes que se podem requerer em experimentadas cantoras, seria exigir demasiado, mas porque dispondo de deliciosas vozes, admiravelmente empostadas, imprimem ao que cantam, ou por instincto ou por feliz assimilação, essa chamma que nos galvanisa e avassala quando vem de uma alma vibrante e se depura no chrysol de uma fina intuição artistica.

Não queremos dizer com isso que nos não tenham feito optima impressão todas as outras jovens cantoras. D. Ophelia Freire, D. Adelia Alegria, D. Erna Stock, Mademoiselle Roma Machado, D. Bertha Guimarães, D. Maria Eça Leal Abecassis, D. Hortense Fontana e José Carneiro bem mostraram os magnificos recursos de que dispõem e quanto vão ganhando com a habilissima direcção musical, que escolheram. O ultimo citado, que é tambem, como se sabe, um violinista de grande merecimento, proporcionou-nos uma verdadeira surpresa; não o tendo ouvido cantar ha alguns annos, mal suppunhamos que tivesse conseguido tão grandes progressos, não só na collocação da voz, como na dicção, que hoje lhe dá fóros de distinctissimo amator.

Todas as palmas com que foram saudadas as discipulas de Mad. Mantelli, se traduziram em vehemente applauso para a professora; e muito especialmente se exteriorisaram essas manifestações de admiração, quando a insigne artista se apresentou a cantar algumas composições com o talento e mestria que tantas vezes temos apreciado na devida altura. O publico rompeu então n'uma estrondosa ovação, a que as proprias alumnas se associaram com entusiasmo, espargindo flôres sobre o tablado e offertando á sua dedicada professora varias prendas de valor.

Não fecharemos esta noticia sem uma referencia especial á talentosa amadora, sr.<sup>a</sup> D. Ophelia Freire, que alem de tomar parte nas provas de canto, com grande brilho, esmaltou o programma com a primorosa execução de uma *Rapsodia* de Liszt, que o publico sublinhou com uma estrondosa salva de palmas.

\*

No theatro Sá da Bandeira (Porto) tem-se produzido com agrado a violinista italiana Emilia Frassinesi.

E' natural de Spezia e estudou nos conservatorios de Palermo e Bolonha. Foi disipula de Luzzara, em harmonia, de Dall'Oglio, em orgão, de Micci, no piano, e de Lacara, no violino, obtendo no final do curso o primeiro premio e diploma de alumna laureada. Estudou depois em Londres, durante mais de um anno, como o celebre violinista Wilhelmy.

\*

Um jornal de Trieste, *Il piccolo della sera*, consagra um curioso artigo, que tem por titulo *Nella taverna dei fadisti*, á guitarra portugueza e á nossa musica popular.

O articulista esteve em Lisboa, ao que parece, e viu as cousas a correr, segundo o costume. Assim, ignorando até o nome do nosso instrumento popular, chama indistinctamente *Fado* ao instrumento e á musica que n'elle se toca. Para elle tudo é *fado*.

Na época dos antigos trovadores faz elle enraizar a genealogia da guitarra e do fado, o que seria muito honroso para elles, se não pecasse por falta de verdade. Estão a vêr os bons dos trovadores a cantar o fado á guitarra? Pois não teria incorrido n'esse incongruente anachronismo, se o *compiacente amico* que o levou á tal baiuca se tivesse dado ao incommodo de explicar-lhe que a guitarra só por cá appareceu em fins do seculo XVIII e quanto ao fado não foi conhecido senão no seculo seguinte.



## ESTRANGEIRO

Onde o collega triestino se não engana talvez muito, pelo menos no tocante á feição das cantigas meridionaes, é quando as define pela absoluta carencia de humorismo, e pelo feitio insistentemente melancolico das toadas que habitualmente se cantam á guitarra. Não ha duvida que é de notar-se a pieguice lyrica do nosso povo, principalmente no *fado*; e a nota satyrica ou chocarreira que caracteriza muitas das canções populares dos outros povos, cede, entre nós, o lugar á constante lamentação amorosa, choramingada em tom perpetuamente lamecha.

Ponto é esse que deve prender com a psychologia especial do nosso povo e que merece talvez attenção a quem se dedique ao estudo do *folk-lore* portuguez.

\*

Annuncia o sr. Ruy Coelho nos papeis que vae partir novamente para a Allemanha e que o faz penalizado por não encontrar aqui o appoio, a que julgava ter direito, para a execução das suas obras.

Não se admire o moço compositor d'essa falta de auxilio, de que só elle foi o culpado; não é deprimindo os outros que nos conseguimos elevar a nós proprios, e o sr. Coelho, irrompendo por este paiz d'*ingenuos* dentro, com ares de mata-mouros, não fez senão alienar as sympathias de toda a gente, e alienar-as talvez para sempre.

Oxalá que nos enganemos e que a lição lhe aproveite, servindo ao menos para demonstrar-lhe que, mesmo em terra tão ingenua, não basta uma cabelleira beethoveniana e um par d'olhos, para nos impormos á admiração das gentes. E' preciso que haja o concomitante miolo.

Folgamos com a partida do sr. Coelho. N'esses paizes de elevada cultura ha sempre que aprender e quando voltar de novo ao seu paiz, se não puder requintar a sua educação artistica, que, queremos suppôr, será já hoje completa e intangivel, trará ao menos um sortimento de prudencia, modestia e cortezia, que faltaram d'esta vez na sua bagagem. Convem tambem apurar a memoria, que é rudimentar no sr. Coelho. A memoria tambem se educa. Com umas ligeiras tinturas de mnemonica, o nosso joven artista não teria esquecido, em tão pouco tempo, a lingua patria, como publicamente declarou, e sobretudo não se teria esquecido, o que é talvez ainda mais grave, de provar, com textos, os famosos plagios da *sonata* do seu ex-amigo.

Sim, porque afinal as provas ficaram... para a outra vez.

O compositor Lorenzo Perozi está em Paris, onde dirige as primeiras audições da sua nova oratoria, *Julgamento universal*.

E' a *Société des grandes auditions musicales* que promove essas audições, as quaes comportam um conjunto de 200 executantes, entre solistas, côros e orchestra.

\*

As festas da coroação do rei Jorge, de Inglaterra, serão assignaladas por uma série de oito concertos, exclusivamente compostos de musica ingleza e executados por artistas nacionaes. E' seu organisador e director o dr. Charles Harris, que assegurou o concurso da orchestra symphonica do Queen's Hall e de um côro de 4000 vozes, escolhidas escrupulosamente nas cem sociedades coraes, que existem em Londres.

O primeiro d'esses concertos é em 12 de maio e alguns d'elles consagrados á musica da Escocia, Irlanda, Paiz de Galles, Canadá e Australia

No hospital militar da Estrella falleceu o sr. Antonio Pedro da Costa, clarim da extincta Guarda Municipal, onde ha dois annos se reformara.

O finado, que era bom artista e muito estimado na sua classe, foi professor da orchestra de S. Carlos e da grande orchestra portugueza.

\*

Morreu Anna Judic, a deliciosa *chanteuse* que fez o encanto da mocidade de ha vinte annos, primeiro como rainha do café-concerto, depois como cantora d'operetta e por fim como comediante. Em todos esses generos se celebrizou a formosa Judic, tornando-se entre nós muito conhecida como interprete da *Nitouche*, *Lili*, *Cosaque* e outras operettas celebres.

\*

Outra estrella que se apagou, a Normann-Neruda. Era das mais famosas violinistas do seu tempo, e consideravam-a como uma digna emula de Joachim.

Foi discipula de Jansa e, ainda muito nova, tornou-se notavel em *tournées* na Allemanha, França e Inglaterra, fixando-se por fim em Londres, onde era apreciadissima.

Morreu em Berlim, tendo feito ha pouco 71 annos.